



# LISBOA MEDIÉVAL

Gentes, Espaços e Poderes

João Luís Inglês Fontes, Luís Filipe Oliveira,  
Catarina Tente, Mário Farelo e Miguel Gomes Martins, coords.





**LISBOA MEDIEVAL:  
GENTES, ESPAÇOS E PODERES**

IEM – Instituto de Estudos Medievais

Coleção ESTUDOS 15



LISBOA MEDIEVAL:  
GENTES, ESPAÇOS E PODERES

JOÃO LUÍS INGLÊS FONTES,  
LUÍS FILIPE OLIVEIRA,  
CATARINA TENTE,  
MÁRIO FARELO  
E MIGUEL GOMES MARTINS  
*Coordenadores*

Textos seleccionados do III Colóquio Internacional “A Nova Lisboa Medieval” (Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 20 a 22 de Novembro de 2013).

**Arbitragem Científica:**

Amélia Aguiar Andrade, Ana Maria Rodrigues, Arnaldo Melo, Denis Menjot, Dolores Villalba Sola, Fernando Correia Branco, Hermínia Vilar, Isabel Dias, Jean-Pierre Molénat, João Pedro Bernardes, José Antonio Jara Fuente, Laurinda Abreu, Luís Urbano Afonso, Manuel Luís Real, Maria Adelaide Miranda, Maria Alessandra Bilotta, Maria Filomena Barros, Maria Helena da Cruz Coelho, Maria João Branco, Maria José Ferro Tavares, Maria Manuela Martins, Miguel Metelo de Seixas, Saul António Gomes, Stéphane Boissellier, Susana Gómez Martínez, Walter Rossa.

O Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (FCSH/NOVA) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Publicação financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto UID/HIS/00749/2013.

<b>Título</b>	<b>Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes</b>
<b>Coordenação</b>	João Luís Inglês Fontes, Luís Filipe Oliveira, Catarina Tente, Mário Farelo e Miguel Gomes Martins
<b>Edição</b>	IEM – Instituto de Estudos Medievais
<b>Capa</b>	Ricardo Naito com base na gravura de Lisboa, editada por: Georg Braun, Frans Hogenberg – <i>Civitates Orbis Terrarum</i> . Antverpiae: apud Philipum Gallaeum / apud Auctores 1572, Vol. I
<b>Colecção</b>	Estudos 15
<b>ISBN</b>	978-989-99567-4-2
<b>Paginação e execução</b>	Ricardo Naito / IEM – Instituto de Estudos Medievais, com base no design de Ana Pacheco
<b>Depósito legal</b>	431294/17
<b>Impressão</b>	Finepaper

# Índice

<b>Apresentação</b> .....	9
<i>João Luís Inglês Fontes, Luís Filipe Oliveira</i>	
PARTE I	
<b>Conferência de abertura</b> .....	13
<b>London and the Kingdom: Commerce, Politics and Power in the Late Middle Age</b> .....	
15	
<i>Matthew Paul Davies</i>	
PARTE II	
<b>Gentes, espaços e poderes – textos seleccionados</b> .....	35
<b>Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média</b> .....	37
<i>Sílvia Casimiro, Sara Prata, Rodrigo Banha da Silva</i>	
<b>Um refinamento de dados alto-medievais do Palácio dos Condes de Penafiel</b> .....	57
<i>Adriaan de Man, Rodrigo Banha da Silva</i>	
<b>A defesa costeira no distrito de Lisboa durante o Período Islâmico.</b>	
<b>I – A área a Ocidente da cidade de Lisboa</b> .....	67
<i>Marco Oliveira Borges</i>	
<b>Lisboa e o seu alfoz, em relatos árabes do “maravilhoso”</b> .....	105
<i>António Rei</i>	
<b>Ocupação medieval na Sé de Lisboa</b> .....	113
<i>Alexandra Gaspar, Ana Gomes</i>	
<b>Fontes Cristãs e Muçulmanas em Confronto. Reflexões sobre as Conquistas de Santarém e Lisboa em 1147</b> .....	129
<i>Inês Lourinho</i>	

<b>O povoamento do termo de Lisboa no pós-Reconquista: o papel de duas casas monásticas dos arrabaldes na estruturação de um território (1147-1321) .....</b>	<b>155</b>
<i>André de Oliveira Leitão</i>	
<b>Um estaleiro medieval: as obras no claustro da Sé de Lisboa.....</b>	<b>177</b>
<i>José Augusto Oliveira</i>	
<b>São Vicente em Lisboa: dois protagonistas (leitura histórica de um fragmento musical) .....</b>	<b>205</b>
<i>Manuel Pedro Ferreira</i>	
<b>A génese da Judiaria Pequena de Lisboa no século XIV .....</b>	<b>223</b>
<i>Manuel Fialho Silva, Artur Jorge Ferreira Rocha</i>	
<b>Lisboa e o comércio marítimo com a Europa nos séculos XIV e XV.....</b>	<b>241</b>
<i>Flávio Miranda, Diogo Faria</i>	
<b>A maioral das cidades portuguesas em discurso (in)direto.....</b>	<b>267</b>
<i>Adelaide Millán da Costa</i>	
<b>A instituição da almotaçaria, o controlo da atividade construtiva e as singularidades de Lisboa em finais da Idade Média.....</b>	<b>287</b>
<i>Sandra M. G. Pinto</i>	
<b>O Paço dos Estaus de Lisboa. A génese fundacional de Quatrocentos .....</b>	<b>313</b>
<i>Milton Pedro Dias Pacheco</i>	
<b>Caracterização codicológica dos manuscritos hebraicos datados de Lisboa (1469-1496) .....</b>	<b>353</b>
<i>Tiago Moita</i>	
<b>Correeiros, adargueiros, guadamecileiros, chapineiros – o estilo mudéjar e o estilo renascentista na Lisboa tardo-medieval e quinhentista.....</b>	<b>367</b>
<i>Franklin Pereira</i>	
<b>O património dos hospitais medievais na Lisboa manuelina.....</b>	<b>393</b>
<i>Margarida Leme</i>	
<b>Judeus e judiarias de Lisboa nos alvares dos Descobrimentos. Perspectivas dos espaços e das gentes.....</b>	<b>439</b>
<i>José Alberto Rodrigues da Silva Tavim</i>	







# Um estaleiro medieval: as obras no claustro da Sé de Lisboa

José Augusto Oliveira<sup>1</sup>

## A fonte: o problema da datação

O documento que suporta esta exposição é composto por seis fólios de pergaminho<sup>2</sup>, soltos, preenchidos na frente e no verso e que, aparentemente, teriam pertencido a um caderno com vestígios de já ter estado cosido, cuja extensão ignoramos. Trata-se de um registo contabilístico, de inícios do século XIV, sobre o estaleiro afecto aos trabalhos no claustro da Sé de Lisboa. Encontra-se no Arquivo Distrital de Braga, nas *Gavetas do Cabido*, mais precisamente naquela que recebeu o interessante nome das *Matérias Inúteis*, com o número 111.

Embora, no seu todo, o documento permaneça inédito, foi parcialmente abordado por Pedro Dias, no livro *Arquitectura gótica portuguesa*, que o datou de 1332. Aí constam alguns dados concretos que só podem ter sido retirados do documento, fosse pelo próprio fosse por outrem, e que não mereceram qualquer citação do autor sobre a sua origem. Limita-se a dizer que o documento foi publicitado numa sessão da Academia Nacional de Belas-Artes, em 1937, pelo, então, director do Arquivo Distrital de Braga, Alberto Feio, sessão essa que terá sido noticiada pelo *Diário de Notícias* num número de Abril daquele ano e cujo texto se encontra perdido<sup>3</sup>. Adianta ainda que o manuscrito fora descoberto aquando

---

<sup>1</sup> José Augusto da Cunha Freitas de Oliveira licenciou-se em História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1979, obteve o grau de Mestre em História Medieval, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1998, com o trabalho *Organização do espaço e gestão de riquezas: Loures nos séculos XIV-XV*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 1999. Em 2009, doutorou-se, na mesma instituição, com a tese *Na Península de Setúbal, em finais da Idade Média: organização do espaço, aproveitamento dos recursos e exercício do poder*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013. Lecciona na Escola Artística António Arroio e é membro do Centro de Estudos Históricos e do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>2</sup> Agradeço ao Mestre Pedro Pinto a cedência da cópia do documento que deu origem a este texto.

<sup>3</sup> DIAS, Pedro – *História da Arte em Portugal*. Vol. IV – *O Gótico*. Lisboa: Alfa, 1986, p. 56.

das obras na Capela da Glória da Sé de Braga<sup>4</sup>. Efectivamente, com base numa informação de Frei Prudêncio de Sandoval, nas *Antiguidades de la Igreja de Tuy*, obra publicada em 1610, segundo a qual se guardava, em Braga, um determinado documento na capela do arcebispo, D. Gonçalo Pereira, Alberto Feio aí descobriu uma enorme quantidade de pergaminhos, encobertos por espessa camada de pó negro e caruncho da madeira, no fundo de um velho móvel. Foram integrados na chamada *Colecção Cronológica* do Arquivo Distrital. É verosímil que o nosso documento não tenha seguido o mesmo destino, uma vez que não estava datado, tendo, por isso, terminado na citada *Gaveta das Matérias Inúteis*.

Contudo, a referida data de 1332, aceite pela generalidade dos autores que têm citado o documento<sup>5</sup>, sempre por via de Pedro Dias, não parece razoável. Correndo o risco de se encontrar na *Colecção Cronológica* algum pergaminho avulso explicitando o ano, parece-nos um pouco tardia.

Convém lembrar que as obras no claustro da Sé de Lisboa não têm uma cronologia precisa, embora sejam consensualmente atribuídas ao tempo de D. Dinis, como afirma Vieira da Silva, por associação estilística ao espaço congénere do mosteiro de Alcobaça<sup>6</sup>. Mário Chicó, por sua vez, remete-as para o “despontar do século XIV”<sup>7</sup>, estando, assim, concluídas no início do reinado de D. Afonso IV. Mais recentemente, José Luís de Matos situou a edificação do claustro nos finais do século XIII, princípios do XIV<sup>8</sup>, o que vai de acordo com as datas de 1302 e de 1305 fixadas, depois, por Mário Barroca para a fundação de duas capelas, a segunda das quais a poente da ala Leste<sup>9</sup>. Por sua vez, Paulo Almeida Fernandes, favorável à primazia da construção lisboeta sobre a alcobacense, considerou que, por esses anos, o claustro da capital já estaria em fase muito adiantada. Assim, segundo este autor, a actividade do estaleiro em causa poderia estar relacionada com a nova

<sup>4</sup> DIAS, Pedro – *A arquitectura gótica portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p.37, nota 15.

<sup>5</sup> FERNANDES, Paulo Almeida – “O claustro da Sé de Lisboa: uma arquitectura «cheia de imperfeições»?”. in *Murphy*, nº1. Coimbra (2006), pp. 19, 23, 27, 29; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de e BARROCA, Mário Jorge – *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença, 2002, p. 58; FERNANDES, Carla Varela – “D. Afonso IV e a Sé de Lisboa. A escolha de um lugar de memória”. in *Arqueologia & História*. Lisboa. Vol. 58-59 (2006-2007), p. 146; PEREIRA, Paulo – “A arquitectura (1250-1450)”. in PEREIRA, Paulo (dir.) – *História da Arte Portuguesa*. Vol. I – *Da Pré-história ao «Modo» gótico*. Lisboa: Temas e Debates, 1995, p. 379.

<sup>6</sup> SILVA, Augusto Vieira da – “Descrição da Sé”. in CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, 2.ª ed. revista e ampliada pelo autor e com anotações de Augusto Vieira da Silva, vol. V. Lisboa: Soc. Industriais da Câmara Municipal de Lisboa, 1936, p. 111.

<sup>7</sup> CHICÓ, Mário Tavares – *A arquitectura gótica em Portugal*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p. 143.

<sup>8</sup> MATOS, José Luís de – “As escavações no interior do claustro da Sé e o seu contributo para o conhecimento das origens de Lisboa”. in *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p. 32.

<sup>9</sup> BARROCA, Mário – *Epigrafia medieval portuguesa (1862-1422)*, vol. II, tomo II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, nº 497 e nº 503, pp. 1269-1271 e 1282-1285.

cabeceira<sup>10</sup>, mandada edificar por D. Afonso IV, cuja obra é dada por concluída em 1344, a partir de uma inscrição, entretanto desaparecida, mas que foi transcrita por D. Rodrigo da Cunha<sup>11</sup>.

Certo é que o documento apenas refere obras na Crasta, sem mais, anotando as despesas e o respectivo dia da semana e do mês, sendo que este aparece, em alguns casos, identificado. A partir destes dados podem isolar-se os anos correspondentes no calendário, que são vários, dentro do reinado de D. Dinis e do início do seguinte: 1282, 1293, 1299, 1304, 1310, 1321, 1327 e 1332<sup>12</sup>. Com uma única excepção. Um dos fólhos, com informação de natureza diferente da contida nos outros mas, aparentemente, relativa ao mesmo empreendimento e lavrado pelo mesmo escriba, regista um Domingo, dia 19 (fl. 6v<sup>13</sup>), que apenas encaixa no ano imediato a qualquer dos anteriores.

A resposta a uma outra dúvida poderá ajudar a uma datação mais precisa. Com efeito, haverá uma explicação para que um registo de obras na Sé de Lisboa acabe em Braga, na episcopal capela da Glória. No período compreendido, dois bispos de Lisboa transitaram para a Sé bracarense. Em 1313, o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, após nove anos de exercício, foi transferido para Braga. Em 1323, o estado de desordem em que se encontrava o arcebispado justificou a nomeação de D. Gonçalo Pereira para governador<sup>14</sup>, o qual ascendeu a arcebispo, em 1326<sup>15</sup>. D. Gonçalo Pereira passara, entretanto, de forma breve, pela chefia da diocese lisboeta. Talvez já estivesse para tal indigitado, em 1321, mas a provisão oficial só aconteceu no ano seguinte. Isto é, atendendo às datas consideradas, qualquer destes dignitários poderia ser o responsável pela viagem do caderno contabilístico para Braga.

<sup>10</sup> FERNANDES, Paulo Almeida – *ob. cit.*, pp. 29, 48-49.

<sup>11</sup> BARROCA, Mário – *ob. cit.*, vol. II, tomo II, n.º 484, pp. 1568-1571; CARRERO SANTAMARÍA, Eduardo – “La catedral, el santo y el rey. Alfonso IV de Portugal, san Vicente mártir y la capilla mayor de la sé de Lisboa”. in ESPAÑOL, F.; FITÉ, F. (dir.) – *Hagiografía peninsular en els segles medievals*. Leida: Universitat de Lleida, 2008, p. 81.

<sup>12</sup> CAPPELLI, Adrien – *Cronologia cronografia e calendario perpetuo : dal principio dell'era cristiana ai giorni nostri : tavole cronologico-sincrone e quadri sinottiei per verificare le date storiche*. 2ª ed. Milano: Ulrico Hoepli, 1930, pp. 92-93.

<sup>13</sup> Os fólhos do documento, que pertenciam a um caderno com vestígios de já ter estado cosido, encontram-se, actualmente, soltos e sem numeração, pelo que os números que aparecerem indicados entre parêntesis, a partir de agora sem «fl.», remetem para a transcrição do documento que consta no Apêndice Documental.

<sup>14</sup> FERREIRA, José Augusto – *Fastos episcopais da Igreja Primacial de Braga (sec. III-sec. XX)*, tomo II. [Braga]: Edição da Mitra Bracarense, 1930, p. 118. Sobre a nomeação de D. Gonçalo Pereira como bispo de Lisboa e, depois, como arcebispo de Braga, veja-se CUNHA, D. Rodrigo da Cunha – *Historia ecclesiástica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Manoel da Sylva, 1642, fls. 180 e 238-239v.

<sup>15</sup> Temos seguido as datas apontadas por JORGE, Ana Maria C. M. (coord.) – “Episcopológico (Catálogo dos bispos católicos portugueses)”. in AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, C-I. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000, pp. 131-146.

Considerando a primeira hipótese, as obras do claustro seriam remetidas para o período compreendido entre 1299 e 1310; atendendo à segunda, para 1321. Esta última sai reforçada pelo facto de o documento (e ressalvo que continuamos no campo das probabilidades) ter permanecido longos anos num cubo ameado adscrito à capela funerária de D. Gonçalo Pereira. Não obstante, se foi levado por D. João Martins, é credível que um homem meticoloso como D. Gonçalo Pereira o tenha conservado<sup>16</sup>, até porque lhe seria conveniente, como exemplo, para as despesas a realizar com a referida capela que ele próprio mandaria edificar na Sé bracarense, em 1332<sup>17</sup>.

Já anteriormente a nós, alguém terá seguido o mesmo raciocínio. Num dos fólhos, encontra-se anotado a lápis, na margem de cima, em moderna caligrafia, “5ª Feira, 1 de Outubro – 21”; noutro, “3 de Novembro – 321”. Em ambos os casos, lateralmente, a mesma mão assentou os anos de 1310 e 1321.

Reconheçamos que nada fica clarificado. Qualquer destas duas últimas datas não serve nem à edificação do claustro, no início do século XIV, nem ao início das obras na cabeceira da Sé de Lisboa promovidas por D. Afonso IV. E, como vimos, a data poderá recuar ao século XIII.

Os assentos nem sempre nomeiam o mês, mas todos assinalam e numeram os dias da semana, que pertencem ao mesmo ano, à excepção de um, já citado, que remete para o ano seguinte. Neste último constam os pagamentos finais aos pedreiros responsáveis pela cantaria. Todavia, pode ter havido engano no dia da semana ou o do mês, o que, de resto, já acontecera antes<sup>18</sup> e, nesse caso, a obra estaria concluída no mesmo ano.

Nos demais fólhos, arrolaram-se os gastos diários tanto com o pessoal afecto à obra, como com os materiais adquiridos, ao longo de vinte e um dias distribuídos pelos meses de Setembro<sup>19</sup>, Outubro e Novembro, em sequências contínuas, à excepção da segunda semana deste último mês, em que não se trabalhou no dia de S. Martinho. De resto, sabemos apenas que os dias úteis iam de segunda a sábado.

<sup>16</sup> “Digamos mesmo que é exageradamente minucioso, prevendo múltiplas eventualidades que analisa e contempla com a solução adequada. Numa atitude que pode revelar uma personalidade meticolosa, cautelosa, se não mesmo algo desconfiada”, nas palavras de Maria Helena da Cruz COELHO (“O Arcebispo D. Gonçalo Pereira: um querer, um agir”. in *Actas do Congresso Internacional do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, p. 409).

<sup>17</sup> Em 1332, o cabido bracarense autorizou a aquisição das casas do concelho no espaço destinado à capela, que estaria concluída em 1334 (FEIO, Alberto – *Dois sepulcros medievais e seus artistas*. Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 3).

<sup>18</sup> No fl. 5v, aparece nomeada uma Sexta-feira, 13, seguida de um Sábado, 15.

<sup>19</sup> Os dias que atribuímos a Setembro podem recair igualmente sobre Dezembro. Se não temos dúvidas que a série de assentos entre 22 a 25, por razões óbvias, não pode recair em Dezembro, já o mesmo não acontece com aquela compreendida entre os dias 9 e 14. Como as obras parecem estar a desacelerar em meados de Novembro e como aconteceram descargas de pedra na Porta do Mar nos dias 12 e 22 das duas sequências referidas, optámos por incluir todos aqueles dias em Setembro.

## O abastecimento do estaleiro

### *Materiais e instrumentos*

A pedra ocupa, naturalmente, a primazia, entre os materiais nomeados. Discriminam-se cantos, cunhais e silhares (“Eyxylhares”). Vinte e três pedras foram necessárias para levantar onze represas e meia (3v), destinadas obviamente ao aproveitamento da água, imprescindível que era a uma série de actividades, incluindo o próprio trabalho da pedra e, em especial, à elaboração das argamassas juntamente com a areia e a cal<sup>20</sup>. Em quinze dos vinte e um dias registados foi carretada água e em dez, areia. É possível que esta tivesse ainda servido ao entulhamento do interior do claustro<sup>21</sup>. Recorreu-se, também, a numerosos pregos (1400), que se dividem em três tipos: fitelis, de seitia e caibrais (cf. 1, 1v, 2, 4)<sup>22</sup>. Estes últimos, os mais baratos, eram os mais utilizados. Estranhamente, a palavra madeira não consta dos assentos e a referência a caibros, travejamentos ou andaimes é nula. Mas está presente nos instrumentos de trabalho. De madeira eram certamente as escadas para servirem no muro, que exigiram 100 pregos de seitia. Depois, outros aparelhos eram decerto construídos em madeira, como os carros, o guindas[te] e o engenho (4)<sup>23</sup>, que necessitavam igualmente de pregadura<sup>24</sup>. E também de sabão e cordas: baraços para o guindaste (4), adivães para o carro (4)<sup>25</sup>. Dos instrumentos elencados falta apenas mencionar a régua (tábua [fl. 3] para as medidas) que foi comprada por três soldos e meio. Ao ofício do ferreiro era necessário carvão (3v).

<sup>20</sup> MELO, Arnaldo Sousa; RIBEIRO, Maria do Carmo – “Os materiais empregues nas construções urbanas medievais. Contributo preliminar para o estudo de Entre Douro e Minho”. in MELO, Arnaldo Sousa; RIBEIRO, Maria do Carmo (coord.) – *História da construção – os materiais*. Braga: CITCEM/LAMOP, 2012, p. 146.

<sup>21</sup> José Luís de MATOS (*ob. cit.*, p. 32), considera que o terraço sobre que assenta o claustro é uma plataforma artificial construída em dois momentos: primeiro, na época islâmica; depois, em finais do século XIII, na parte sul, que foi preenchida por areias.

<sup>22</sup> Manuel Sílvio Alves Conde enumera vários tipos de pregos, incluindo os caibrais, aplicados a caibros, e os de seitia, que considera próprios da construção de embarcações, o que não é manifestamente o caso (cf. CONDE, Manuel Sílvio Alves – “Sobre a casa urbana no Centro e Sul de Portugal”. in *Horizontes do Portugal medieval. Estudos históricos*. Cascais: Patrimonia, 1999, p. 289 (nota 91).

<sup>23</sup> Em França, “engin” designava um elevador constituído por uma armação em madeira, duas rodas de cobre e de um jogo de cordas, segundo Jean Pierre LEGUAY – “L’approvisionnement des chantiers bretons”. in CHAPELOT, Odette; BENOIT, Paul (ed.) – *Pierre & Metal dans le bâtiment au Moyen Age*. Paris: Éditions de l’Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, 1985, p. 65. Curiosamente, o mesmo autor refere a par deste aparelho, com função similar, o “guindas” (em francês), que aparece identicamente mencionado no documento (“gyndas”).

<sup>24</sup> Expressamente apenas são referidos pregos de seitia para o carro, que custaram 2 soldos (100 valiam 6 soldos).

<sup>25</sup> Cf. VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de – “Adival”. in *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. 2ª edição crítica por Mário Fiúza, vol. I. Porto: Livraria Civilização Editora, 1983, p. 221.

## O transporte

Além da qualidade da pedra, o factor da proximidade era, certamente, decisivo, porque diminuía consideravelmente os custos de transporte, que muito sobrecarregavam o preço final<sup>26</sup>. O *Livro das posturas antigas*<sup>27</sup> assinala, como centros de extracção de pedra que abasteciam Lisboa, Almada, Caparica, Alcântara e Paradela. No caso vertente, as pedreiras que abasteciam directamente o estaleiro localizavam-se precisamente em Alcântara e Almada<sup>28</sup>. Ambos os locais, a pequena, e idêntica, distância da Porta do Mar, aproveitavam da rapidez e poupança do transporte fluvial.

Do labor de Alcântara estava o estaleiro particularmente dependente, como comprovam as diversas referências aos seus obreiros, pedreiros e respectivo mestre. A pedra era levada em carros pelos obreiros e, supomos, transportada em pequenos barcos de fundo chato<sup>29</sup>, as pinaças<sup>30</sup>, até à Porta do Mar<sup>31</sup>. Aqui chegavam, igualmente, barcadas de pedra proveniente de Almada. Ignoramos se chegava já aparelhada, como aconteceu a 14 de Setembro, quando desembarcaram cunhais (48) e cantos na Porta do Mar (Iv). Depois, carreteiros e almocreves levavam a pedra até ao claustro, onde obreiros se encarregavam de a descarregar. O transporte da carga das trinta e três barcadas custou 6 soldos por unidade (9 libras e 18 soldos no total), a dúzia de cunhais, 20 soldos, e cada “pinaçada”, 16 soldos. Esclareça-se que o termo “barcada” poderá designar não a carga de uma barca mas uma unidade de peso ou de volume, podendo, neste caso, uma embarcação transportar várias barcadas<sup>32</sup>.

<sup>26</sup> Embora se trate de um caso extremo, vale a pena evocar o caso da edificação de uma igreja conventual em Sens, em que o preço do transporte da pedra equivalia a 78,3% do valor do material, excluindo o transporte desde o porto fluvial até ao estaleiro (CAILLEAUX, D. – “Les comptes de construction des Célestins de Sens, 1477-1482: édition et commentaire”. in *Pierre & Metal dans le bâtiment au Moyen Age*, cit., p. 144).

<sup>27</sup> *Livro das posturas antigas*. Ed. de Maria Teresa Campos RODRIGUES. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1974, p. 231.

<sup>28</sup> Em Almada, nos séculos XIV e XV, é frequentemente nomeado um lugar da Pedreira, localizado no início do declive, por onde se ligava o castelo de Almada ao porto de Cacilhas (OLIVEIRA, José Augusto C. F. – *Na península de Setúbal, em finais da Idade Média: organização do espaço, aproveitamento dos recursos e exercício do poder*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013, pp. 138-139).

<sup>29</sup> Também na Bretanha se recorria a este tipo de arcos para o transporte de blocos de granito (LEGUAY, Jean-Pierre – *ob. cit.*, p. 36).

<sup>30</sup> Embarcação pequena, estreita, movida a vela e remo, com três mastros e popa quadrada, mais ligeira que segura, segundo Bluteau; Viterbo acrescenta que o nome provirá de pinho (cf. BLUTEAU, Raphael – “Pinaça”. in *Vocabulário português e latino*, vols. VI. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, 1716, p. 511; VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de – “Pinaça”. in *ob. cit.*, vol. II. 1984, p. 478).

<sup>31</sup> Por uma vez se refere “Jtem dey a quem carreteou .v. pinaçadas da porta do mar aa Crasta” (fl. 2).

<sup>32</sup> João BRANDÃO (DE BUARCOS), em *Grandeza e abastança de Lisboa em 1552* (Org. e notas de José da Felicidade ALVES. Lisboa: Livros Horizonte, 1990, p. 55), no parágrafo [15] sobre precisamente a “Pedra que vem de Almada” refere cinco barcas que se dedicavam exclusivamente a essa tarefa, acrescentando: “Afirmaria cada uma [barca] trazer por ano trezentas viagens, cada viagem é de três barcadas [...]”.



Releve-se que apenas são registados os custos do transporte do Tejo à Sé, o que sugere que o pagamento do trajecto anterior ficava a expensas do fornecedor. Se assim for, os pedreiros que trabalhavam para o empreendimento ter-se-ão comprometido à entrega na Porta do Mar, um local favorável, servido por um cais próximo da catedral lisboeta<sup>33</sup>.

De resto, água, areia e cal também vinham do exterior do estaleiro. A areia, mensurada em carregas que podiam ascender a 276 num só dia, era mais cara. Não poderia ser retirada das margens do Tejo, pelo menos aquela destinada às argamassas, dada a sua salinidade, pelo que proviria provavelmente da zona periurbana<sup>34</sup>. Já a água estava à disposição, bem perto, no chafariz de el-Rei, ou na fonte que o precedeu, o grande centro de abastecimento de Lisboa em tempos medievais<sup>35</sup>. Quanto à cal, parece que era necessário ir buscá-la (por rio?) a Alverca (4v).

### *A organização do trabalho*

Durante este período, serviram no estaleiro, em número variável, um mestre, pedreiros, obreiros, moças e, de forma pontual, carpinteiros (4v-5), um ferreiro, um assentador e um mancebo (3v). Com estes colaboraram, e refiro-me aos que são explicitamente mencionados, diversos carreteiros ou almocreves, bem como um outro mestre e pedreiros que laboravam em Alcântara.

À frente das obras encontrava-se o respectivo mestre, no caso do claustro, um João Eanes que aparece identificado na contabilidade final. Comandava um número variável de pedreiros, de obreiros e de moças.

O número de trabalhadores variava nas diferentes sequências dos dias registados. Aparece inicialmente uma série em que predominava o número de 14 pedreiros, a que se sucederam outras de 24 ou 23. Logo no início de Novembro, durante pelo menos quatro jornadas consecutivas, chegaram a funcionar diariamente 42

<sup>33</sup> Como já observaram Arnaldo Sousa MELO e Maria do Carmo RIBEIRO (*ob. cit.*, p. 150), “[...] o trabalho do pedreiro não incluía o transporte até à obra, mas apenas a entrega em local conveniente [...]”.

<sup>34</sup> Os areiros situavam-se, por regra, nas proximidades dos estaleiros (CONDE, Manuel Sílvio Alves – *Uma paisagem Humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*, vol. II. Cascais: Patrimonia, 2000, p. 421; LEGUAY, Jean-Pierre – *ob. cit.*, p. 33). Contudo, em Lisboa, a areia de melhor qualidade para o fabrico de argamassa encontrava-se na zona periurbana (Chelas, Charneca, Campo Grande e Lumiar), em detrimento da areia do Tejo, imprópria para o efeito, dado o teor de sal (CARVALHO, Ana Paula Gonçalves de – “Alguns aspectos do abastecimento de matérias prima à construção na Lisboa medieval”. in ARÍZAGA BOLUMBURU, Beatriz; SOLÓRZANO TELECHEA Jesús Ángel (coord.) – *La ciudad medieval y su influencia territorial. Nájera. Encuentros Internacionales del Medievo 2006*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2006, p. 154).

<sup>35</sup> Em 1220 já existia na freguesia de S. João da Praça um chafariz denominado “Sancti Johanes”, situado no interior da cerca moura. A denominação actual vem do reinado de D. Dinis, que terá ordenado a sua transferência para a parte inferior da referida cerca. Foi o primeiro e o maior fornecedor de água de Lisboa até meados do século XVI (FLORES, Alexandre M.; CANHÃO, Carlos – *Chafarizes de Lisboa*. Lisboa: Edições INAPA, 1999, p. 6).

pedreiros, embora 6, aparentemente, apenas cumprissem parte da jornada. Para o final do mês, o seu número baixou bastante. Contribuíram para o estaleiro do claustro até ao início de Novembro, o que reforça a ideia de que, por esta altura, as obras entravam na sua fase final. Sugere-o a desmontagem das represas a 13 de Novembro (5v), represas essas que haviam sido erguidas em inícios do mês anterior. Ou então, dada a altura do ano, os rigores do clima terão obrigado ao adiamento da empresa.

As tarefas destes pedreiros não são descritas, mas nos dias 3 e 5 de Outubro, a propósito da atribuição de uma verba para vinho, o escriba, depois da enumeração habitual dos pedreiros, diferenciou os “que Britam a pedra na Crasta” e aqueles “que estam na pedreyra da Crasta” (3v)<sup>36</sup>. O pagamento, por excepcional, sugere que não seria essa a sua ocupação diária<sup>37</sup> e, por isso, mereceram um pagamento adicional. Situação idêntica ocorria com o assentamento. Um Domingos Rodrigues, que “asseentau”, e um Fernão Eanes, aparentemente seu companheiro, ambos ao serviço do estaleiro entre os dias 22 e 25 de Setembro, foram também recompensados com vinho (2-2v). Também é possível que coubesse ao assentador a direcção dos trabalhos nos muros ou, eventualmente, a colocação de blocos em situações mais complexas. Certo é que havia pedra aparelhada fora do estaleiro, como comprova o citado descarregamento e o pagamento de empreitadas de cantos, cunhais e silhares, que trataremos a seguir. Mas também havia a pedra oriunda de Alcântara, onde oito a dez pedreiros, conforme se deduz dos quantitativos das verbas para a alimentação (cf. 2, 3 e 3v), procederiam à sua extracção e, hipoteticamente, ao seu afeiçoamento, como era prática corrente<sup>38</sup>, obedecendo a dimensões, formas e tipos de acabamento previamente solicitados, à semelhança do que ocorreu no Porto, aquando da construção da muralha<sup>39</sup>, o que poderia ajudar à diminuição do peso

<sup>36</sup> No castelo de S. Jorge e na Sé de Lisboa foram usados calcários molássicos, proveniente de uma pedreira próxima (AIRES-BARROS, Luís – “As rochas empregues nos monumentos de Lisboa ao longo da sua história”. in *I Colóquio Temático O Município de Lisboa e a dinâmica urbana (séculos XVI-XX)*. *Actas das sessões*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa-Imprensa Municipal, 1995, p. 26). O autor estriba a afirmação em SOUSA, Francisco Luís Pereira de – “Idéa geral dos calcareos empregados nas construções de Lisboa”. in *Revista de Obras Públicas e Minas*. 35 (1904), pp. 207-227, através de uma citação que passo a transcrever: “... a pedra dos antigos enxilhares da Sé de Lisboa, foi extrahida parte no morro da Alcaçova Real, como se póde ver no largo de S. João da Praça e na rua da Judiaria...”.

<sup>37</sup> Já no decorrer do século XV, em Sevilha, distinguiram-se os pedreiros que laboravam nas pedreiras dos que trabalhavam na obra, em tarefas estritamente construtivas, embora houvesse casos, pontualmente em que as funções se inverteram. Por sua vez, os assentadores dirigiam os trabalhos de montagem dos blocos em muros, pilares e abóbadas (RODRÍGUEZ ESTÉVEZ, Juan Clemente – “Los canteros de la obra gótica de la catedral de Sevilla (1433-1528)”. in *Laboratorio de Arte* 9 (1996), p. 55).

<sup>38</sup> “Na maioria dos casos a pedra era lavrada na própria pedreira e só depois transportada para o local da obra” (CARVALHO, Ana Paula Gonçalves de – *ob. cit.*, 148).

<sup>39</sup> Em 1360, o concelho portuense celebrou contratos individuais com quatro pedreiros relativos ao fornecimento, num prazo de quatro meses, de mil pedras para a muralha, por 135 libras, em que se especificavam as dimensões das pedras (MELO, Arnaldo Sousa; RIBEIRO, Maria do Carmo – *ob. cit.*, p. 150).

dos blocos a transportar<sup>40</sup>. E finalmente, como vimos, também poderia existir uma pedreira no local do estaleiro, a fornecer peças à obra. Com efeito, a designação de pedreiros é ambígua: havia os de Alcântara – em princípio, aqueles que extraíam a pedra na pedreira local e que talvez a afeioassem –, os do estaleiro – uns, encarregados da edificação dos muros, alvanéis portanto, outros na pedreira local – e, finalmente, os que lavraram os cantos, os cunhos e os silhares – canteiros e enxilhadores (6v)<sup>41</sup>. De qualquer forma, os pedreiros são sempre referidos no contingente dos trabalhadores à jorna, enquanto canteiros e enxilhadores são incluídos nas encomendas por empreitada.

Mais variável era o número de obreiros. Oscilou entre os 4 e os 36 e mudava de dia para dia, com excepção de uma semana em que compareceram sempre seis, supomos que os mesmos. A designação de obreiros permanece um tanto ou quanto ambígua. Primeiro porque é extensível a variadas profissões: havia-os da enxada, nas vinhas<sup>42</sup>, dos correiros, dos sapateiros. Segundo porque o seu estatuto não é claro. Tanto estavam ligados à prestigiada actividade do fabrico da moeda – contava com oficiais, moedeiros e obreiros – como à construção civil, em todo o caso um trabalhador não especializado, contratado por dias, ou mesmo semanas ou meses<sup>43</sup>. Já foi considerado um *sergente*, ocupando na hierarquia oficial um lugar entre o mestre e o aprendiz, um oficial, portanto<sup>44</sup>.

Pouco sabemos do que faziam em concreto. O seu trabalho não parece estar directamente articulado com o dos pedreiros, pois o seu número tanto podia ser muito inferior como superior. Por uma ocasião se referem seis obreiros do claustro que tiravam a apanhavam a pedra proveniente de Almada que fora levada até ao claustro, mas são anotados separadamente dos vinte e seis que foram contratados

<sup>40</sup>Jean-Pierre LEGUAY (*ob. cit.*, p. 65), regista esse procedimento para peças mais específicas, em que era necessário um grande desbaste da pedra, como nas colunas ou nos arcos.

<sup>41</sup>A expressão “pedreiro de pedraria” distinguia-o de duas outras especialidades – o pedreiro de cantaria, ou canteiro, e o pedreiro de alvenaria, ou alvanel, segundo CONDE, Manuel Silvio Alves – “As gentes da construção na sociedade medieval portuguesa”. in MELO, Arnaldo Sousa; RIBEIRO, Maria do Carmo (coord.) – *História da construção – os construtores*. Braga: CITCEM, 2011, p. 79, pp. 75-98.

“A enxilharia é constituída por pedras aparelhadas, chamadas enxilhares, ou silhares, em forma de prismas rectangulares quando empregadas em paredes e muros [...]. Distingue-se da cantaria em esta apresentar dimensões regulares, isto é, a igualdade na altura das fiadas ou pelo menos na das alternadamente equidistantes e igualdade no comprimento ou na largura dos paramentos à vista” (SEGURADO, João Emílio dos Santos – *Alvenaria e cantaria*. 6ª Edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1932, p. 5). De facto, o preço da silharia era inferior ao da cantaria (cf. infra **A organização do trabalho**).

<sup>42</sup>PEREIRA, Gabriel – *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, p. 149.

<sup>43</sup>Cf. MELO, Arnaldo Sousa – *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média: O Porto, c. 1320 – c. 1415/Travail et Production au Portugal au Moyen Âge: Porto, c. 1320-c. 1415*, vol. 1. Dissertação de Doutoramento. Braga: [s.n.], 2009, pp. 260, 274, 276, 279 e 298.

<sup>44</sup>MARQUES, A. H. de Oliveira – *A sociedade medieval portuguesa. Aspectos de vida quotidiana*. 3ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974, p. 140.

nesse mesmo dia. Em Alcântara, diz-se que andavam “ao carro” (2), possivelmente a transportar a pedra da pedreira até ao rio, mas recebiam mais pela tarefa.

As *moças* constituíam, sem dúvida, o grupo mais numeroso. Os estudos sobre o mundo urbano têm vindo a revelar um leque, cada vez mais diversificado, de actividades laborais desempenhadas pelas mulheres em regime de assalariado<sup>45</sup>. Auferindo, como é sabido, ordenados bastante inferiores aos dos homens, o elemento feminino constituía uma ajuda preciosa para tarefas menos qualificadas e a construção constituía uma boa oportunidade para acumular alguns ganhos, por poucos que fossem, que ajudassem à economia familiar num meio urbano onde a sobrevivência era garantida pelo dinheiro. Embora existam referências múltiplas ao trabalho feminino além-fronteiras<sup>46</sup>, em Portugal é um dado raro<sup>47</sup>. E mais do que a natureza da actividade, o que sobressai é o alargado número de jovens diariamente envolvidas nas obras, embora esta participação possa conformar um quadro excepcional<sup>48</sup>. Salvo quatro dias, em que a sua presença é inferior à dos pedreiros, mas, ainda assim, acima dos obreiros, dobravam a soma destes dois grupos. O contingente, que variava frequentemente, poucas vezes ficou aquém da meia centena, ultrapassando as seis, sete e, até, oito dezenas. Trata-se de uma participação notável. A título de comparação nas obras da catedral de Saragoça, em 1376, o número máximo de trabalhadores masculinos envolvidos foram 40 e o de mulheres 16<sup>49</sup>. Em geral, em estaleiros ibéricos medievais, sabemos que asseguravam a limpeza, removiam escombros e entulhos, assistiam os pedreiros, carretando a água e os mais diversos materiais, fazendo as argamassas<sup>50</sup>. Operavam, até, em

<sup>45</sup> Para Portugal, veja-se COELHO, Maria Helena da Cruz – “A mulher e o trabalho nas cidades medievais portuguesas”. in *Homens, espaços e poderes (séculos XI-XVI)*, I – *Notas do viver social*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990, pp. 37-59.

<sup>46</sup> Cf. a bibliografia espanhola e francesa abaixo citada e a breve referência, que inclui um exemplo da Alemanha, em DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.) – *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 2 – *A Idade Média*. Dir. Christiane KLAPISCH-ZUBER. Porto: Edições Afrontamento, 1993, pp. 403 e 405.

<sup>47</sup> Maria Helena da Cruz COELHO (*ob. cit.*, p. 47) refere mulheres a trabalhar na construção civil, mas anota apenas a notícia de uma mulher, em Loulé, que acarretou água para fazer a cal destinada a reparações na câmara concelhia.

<sup>48</sup> V. Sandrine aponta como principal característica da actividade profissional feminina nos estaleiros o facto de ser excessivamente conjuntural e pontual. As mulheres só trabalhariam quando faltavam homens. Em Gérone, nos estaleiros de «Sant Feliu», constata que as mulheres intervieram nas fases mais carentes de mão-de-obra, em particular na construção do claustro e do campanário (cf. SANDRINE, Victor – “Bâtisseuses de cathédrales?”. in *Mélanges de la Casa de Velázquez* [Online], 40-2 (2010), posto online no dia 14 Janeiro 2011, consultado a 10 Maio 2014. URL: <http://mcv.revues.org/3564>, § 16).

<sup>49</sup> NAVARRO ESPINACH, Germán – “La industria de la construcción en los países de la Corona de Aragón”. in *L’edilizia prima della Rivoluzione Industriale. Secc. XIII-XVIII*. Florencia : Le Monnier, 2005, Apéndice n.º 1, p. 202.

<sup>50</sup> GARCÍA HERRERO, María del Carmen – “Actividades laborales femeninas a finales de la Edad Media: registros iconográficos”. in LACARRA DUCAY, María del Carmen (coord.) – *Arte y vida cotidiana en la época medieval*. Zaragoza: «Fernando el Católico» (C.S.I.C.), 2008, p. 31. Das obras de 1301 do Palácio de Aljaféia (residência real em Saragoça) conservou-se um livro de registo onde foram anotadas as tarefas realizadas por mulheres: fazer uma cisterna, abrir acéguas, carretar água, pedra, cal, relva para o jardim,

actividades de risco, que chegaram a provocar acidentes em número superior aos que afectaram os elementos masculinos<sup>51</sup>.

As mulheres eram, normalmente, equiparadas aos moços e executavam tarefas idênticas, chegando a usufruir o mesmo salário<sup>52</sup>. Não obstante, enquanto os moços podiam estar incluídos no patamar inferior de uma hierarquia laboral, dentro da qual tinham a possibilidade de ascender, as mulheres estavam excluídas dessa carreira e a progressão profissional ficava-lhes vedada<sup>53</sup>.

Acresce que, no caso presente, se trata de moças, e a designação, embora seja rara no panorama medievo português, não é decerto inocente ou casuística. Poderá exprimir, na hierarquia laboral, um nível inferior à das mulheres, isto é, de uma mão-de-obra ainda mais desqualificada e bastante jovem<sup>54</sup>, que sobreporia aos serviços normalmente atribuídos a essa idade<sup>55</sup> – lavar roupa, carretar água e lenha, ir ao forno, limpar, coser, fazer recados, ajudar na cozinha, entre outros<sup>56</sup> – as duras lides inerentes à construção. Do trabalho destas mulheres ainda sabemos menos do que relativamente aos pedreiros e obreiros. Contudo, por regra, à sua enumeração e pagamento, sucede o registo dos carros de água e de areia. Embora não haja uma relação de proporcionalidade entre o número de trabalhadoras e a quantidade destes materiais, parece legítimo inferir que seriam estas que assegurariam o seu transporte para o claustro ou dentro do mesmo, bem como de outros materiais necessários ao empreendimento<sup>57</sup>. As funções ligadas à água já foram destacadas como seu labor

---

etc; servir o mestre no que fosse necessário, amassar gesso, ajudar a levantar muros (CAMPO GUTIÉRREZ, Ana del – “El status femenino desde el punto de vista del trabajo (Zaragoza, siglo XIV)”. in *Aragón en la Edad Media XVIII* (2004), p. 277).

<sup>51</sup> LACARRA DUCAY, María del Carmen; MONTERDE ALBIAC, Cristina – “Un libro de fábrica de La Seo de Zaragoza del año 1346”. in *Aragón en la Edad Media* 8 (1989), p. 369.

<sup>52</sup> As mulheres auferiam salários equiparados aos dos moços não qualificados ou inferior aos dos homens, com a excepção da amassadora e das que executavam trabalhos mais pesados, que recebiam, por vezes, um salário um pouco superior (ORCÁSSTEGUI GROS, Carmen – “Precios y salarios de la construcción en Zaragoza en 1301”. in *La ciudad hispánica durante los siglos XIII-XVI*. Madrid. Nº 2 (1985), p. 1224; idem – “Ordenanzas municipales y reglamentación local en la Edad Media sobre la mujer aragonesa en sus relaciones sociales y económicas”. in *Las mujeres en las ciudades medievales. Actas de las III Jornadas de Investigación Interdisciplinaria*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid/Seminario de Estudios de la Mujer, 1984, p. 15; GARCÍA HERRERO, María del Carmen – *Las mujeres en Zaragoza en el siglo XV*. 2ª ed., vol. II. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza – Ayuntamiento de Zaragoza, 2006, pp. 46-47.

<sup>53</sup> CAMPO GUTIÉRREZ, Ana del – *ob. cit.*, p. 278.

<sup>54</sup> Estaleiros havia que contratavam jovens de 14/15 anos ou, até, mais novos (BERNARDI, Philippe – *Bâtir au Moyen Âge*. Paris: CNRS Éditions, 2011, p. 113.

<sup>55</sup> Em Castela, nos finais da Idade Média, o termo “moça” parece referir-se a mulheres jovens e solteiras que trabalhavam para terceiros em troca de um pagamento, frequentemente em géneros alimentícios (VAL VALDIVIESO, María Isabel del – “Mujer y trabajo en Castilla al final de la Edad Media”. in *Aragón en la Edad Media* 14-15 (1999), p. 1587.

<sup>56</sup> GARCÍA HERRERO, María del Carmen – “Actividades laborales femeninas...”, p. 19.

<sup>57</sup> Para Santander está documentado o emprego de *mozas* em tarefas de carga e descarga de materiais constructivos (CRUCHAGA CALVIN, María Jesús – “Ser mujer en el Santander bajomedieval”. in SOLÓRZANO TELECHEA, Jesús Ángel; ARÍZAGA BOLUMBURU, Beatriz; ANDRADE, Amélia Aguiar (coord.) – *Ser mujer en la ciudad medieval europea*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2013, p. 263).

principal, com a finalidade de assegurar a produção de argamassas, tarefa para a qual o elemento feminino estaria mais vocacionado<sup>58</sup>, ou em que a sua rentabilidade era maior. Dadas as condições específicas da edificação, o entulhamento talvez pesasse na ocupação destas moças. É possível que desempenhassem actividades análogas às dos obreiros, com a vantagem de auferirem jornas inferiores. Mais do que uma especialização laboral, a remuneração exprimia uma hierarquização entre categorias de trabalhadores<sup>59</sup>.

Pelo estaleiro do claustro passaram de forma esporádica os já referidos assentadores, dois carpinteiros, um ferreiro e um mancebo, que se encarregou do talheiro<sup>60</sup>, além do responsável pela edificação das represas. Fora deste espaço, já registámos o mestre e os pedreiros de Alcântara, mas havia ainda um terceiro tipo de pedreiros, mais especializados, aqueles que eram contratados por empreitada e forneciam pedra já afeiçoada. Com efeito, a aparelhagem de uma quantidade alargada de pedra foi confiada a pedreiros pagos à parte. Catorze pedreiros, nomeados individualmente (6v), talharam, no seu conjunto, 4 629 peças, embora com diferentes contribuições. De três associações entre um par de pedreiros provieram três mil cantos e cunhais, de outros, uma média de 200 cantos. Quando se incluíam os cunhais, elementos mais perfeitos, nas dimensões e no aparelho, uma vez que faziam a ligação entre dois muros, a média por peça era mais elevada (4,6 soldos), enquanto cada canto rondava os 3,2 soldos. Foram também encomendados 12 silhares à razão de 3 soldos por unidade, um preço inferior para pedras que eram talhadas de forma mais grosseira.

Mesmo que este trabalho de cantaria fosse realizado parcialmente no estaleiro – entre estes pedreiros constava um mouro do mestre que, com ajuda de um mancebo, afeiçoou 100 cantos –, o facto dos respectivos artífices serem objecto de uma contabilidade própria, com identificação dos nomes e dos quantitativos produzidos, distinguia-os claramente dos pedreiros afectos diariamente ao claustro, que se dedicariam aos trabalhos de alvenaria. A componente estrutural

<sup>58</sup> BERNARDI, Philippe – “Pour une étude du rôle des femmes dans le bâtiment au Moyen Âge”. in *Provence historique* 173 (1993), p. 274. O autor considera mesmo que a frequência com que a função de argamassar era confiada às mulheres leva a pensar que a mão-de-obra feminina conhecia uma relativa especialização, hipoteticamente derivada da actividade doméstica. Na cidade de Burgos, as mulheres que trabalhavam nas obras públicas faziam argamassas ou transportavam a água (MENJOT, Denis – *Dominar y controlar en Castilla en la Edad Media*. Málaga: Servicio de Publicaciones, Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga, 2003).

<sup>59</sup> ANHEIM, É.; THEIS, V. – “Fixation et standardisation des rémunérations à la cour pontificale dans la première moitié du XIV<sup>e</sup> siècle”. in BECK, Patrice; BERNARDI, Philippe; FELLER, Laurent (dir.) – *Rémunérer le travail au Moyen Âge. Pour une histoire sociale du salariat*. Paris: Picard, 2014, pp. 370-372.

<sup>60</sup> Segundo o *Dicionário Aulete*: “s. m. || (prov. port.) talho feito num rego para desviar a água; o mesmo que *talhadouro* ou *tola*”. Os dois termos foram registados, com o sentido de desvio de água de rega ou de um rego em MORAIS SILVA, António de – *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10<sup>a</sup> ed., revista por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, vol. X. Lisboa: Editorial Confluência, 1957, pp. 613 e 942.

do claustro, essa terá sido assegurada pela encomenda de peças padronizadas, uma espécie de pré-fabrico em série, que facilitou o processo de assentamento. E que tinha prazos definidos, com prémio a quem acelerasse a entrega<sup>61</sup>.

## As remunerações

### *Os salários*

Os pagamentos e os salários são expressos em dinheiros, soldos e libras, com duas exceções em que se traduzem em maravedis<sup>62</sup>. Do mestre-de-obras sabemos apenas que, no final, recebeu 110 libras de salário relativo ao período anterior a uma avença (6), entretanto realizada, para além do pagamento em géneros, abaixo abordado. Os pedreiros auferiam 5 soldos diários, precisamente o dobro dos obreiros. Referimo-nos àqueles que operavam no claustro, pois relativamente aos de Alcântara, apenas foram fixadas as verbas para alimentação, comida e bebida. Com efeito, recebiam um montante para almoço e vinho de 12 ou de 10 soldos, sendo que dois pertenciam ao respectivo mestre, pelo que é lógico que a retribuição dos outros fosse menor. Ressalve-se que o salário de alguns pedreiros do estaleiro, em número reduzido (1, 3, 6, no máximo), era frequentemente inferior ao dos demais (4, 3, 2,5, 2 soldos por dia). É verosímil que não cumprissem a jornada na sua totalidade e o seu vencimento fosse proporcional às horas prestadas. Por sua vez, e também por dia, as moças recebiam 10 dinheiros, isto é, seis vezes menos do que os pedreiros e três do que os obreiros.

Pedreiros eram trabalhadores dedicados a tarefas específicas no trato da pedra, claramente distintos dos obreiros pagos pela metade (2,5 soldos diários), destituídos que eram de qualquer especialização. Por sua vez, o seu salário triplicava o das moças, que exerceriam funções similares, possivelmente as menos exigentes de força física. É uma relação desproporcional, mesmo considerando a discriminação remuneratória a que o elemento feminino estava sujeito.

Em Castela, as cortes reunidas no ano de 1351 determinaram que as mulheres recebiam metade dos obreiros e, como ficou dito acima, ou em igualdade com os moços, que ocupavam o último degrau da escala salarial<sup>63</sup>. Mas trata-se de mulheres,

<sup>61</sup> Depois de registar o pagamento a Pero Cota, o escriba acrescentou: “Jtem pagey a esse .iij. libras. de melhoria. porque as filhou primeiro” (Apêndice documental, fl. 6v).

<sup>62</sup> O maravedi equivalia, no caso presente, a 15 soldos, valor do morabito que corria a sul do Douro, ao tempo de D. Dinis (TAVARES, Maria José Pimenta Ferro – *Para o Estudo da Numária de D. Dinis*, Lisboa: [s.n.], 1972, Sep. *Do tempo e da história*, nº 5, pp. 202-228 p. 205).

<sup>63</sup> Uma disposição das cortes de Leão e Castela de 1351 atribuía às mulheres metade do salário dos obreiros («peones») (RÁBADE OBRADÓ, Maria del Pilar – “La mujer trabajadora en los ordenamientos de

não de moças. A requisição de um tão alargado número de jovens tornava-se assim altamente compensatória ao empreendimento. Contabilizámos, no total dos dias, 435 jornadas de obreiros e 989 de moças, correspondente a uma massa salarial de 54 libras, 7 soldos e 6 dinheiros e de 41 libras, 4 soldos e 2 dinheiros, respectivamente<sup>64</sup>. Fica à evidência o que a empresa poupou com o recurso à mão de obra feminina.

Pontualmente contratados, os carpinteiros eram retribuídos com 6,5 soldos ao dia, o que os colocava acima dos pedreiros, mas talvez o carácter esporádico do seu trabalho justificasse o salário superior.

Os termos de comparação escasseiam. Em Portugal, os mais próximos remetem para o ano de 1341, em Évora<sup>65</sup>. Então, os mestres que tratavam as portas e os telhados recebiam cerca de 8 soldos ou 8 soldos e meio. Os pedreiros 7 soldos. O salário dos serventes dependia da qualidade da tarefa, oscilavam entre 2 soldos (reparação de paredes) e 4 (conserto de telhados e tectos). Nas citadas obras da catedral de Saragoça, um mestre cobrava mais do dobro do que um obreiro e quase cinco vezes mais que uma moça<sup>66</sup>.

Mas estes cotejos trazem algumas dificuldades. Não se pode colocar ao mesmo nível um mestre-de-obras, que chegou a comandar 147 trabalhadores num único dia, com mestres artífices ou que dirigiam obras de dimensão muito inferior.

### *Verbas para alimentação*

Ao salário em moeda havia ainda que juntar as verbas para alimentação, relativamente pródigas no que respeita ao vinho. Embora seja conhecido o elevado consumo desta bebida em tempos medievais, em parte pela escassez de bebidas e pela sua aportação calórica<sup>67</sup>, não deixa de ser relevante a atribuição de um soldo

Cortes, 1258-1505". in MUÑOZ FERNÁNDEZ, Ángela; SEGURA GRAIÑO, Cristina (coord.) – *El trabajo de las mujeres en Edad Media Hispana*. Madrid: Asociación Cultural Al-Mudayna, 1988, p. 135.

<sup>64</sup> As moças têm menos dois registos, um possivelmente por esquecimento (fl. 2), outro porque o assento ficou incompleto (fl. 3v), pelo que a discrepância dos números seria ainda mais dilatada.

<sup>65</sup> Cf. SOUSA, Bernardo de Vasconcelos e; SILVA, Fernando Vieira da; MONTEIRO, Nuno – “O livro das despesas do prior do cabido da Sé de Évora 1340-1341”. in *Revista de História Económica e Social*. Lisboa. N.º 9 (1982), pp. 91-143. Um trabalho recente sobre o tema apenas elenca para a primeira metade do século XIV dados retirados deste artigo (cf. FERREIRA, Sérgio Carlos – *Preços e salários em Portugal na Baixa Idade Média*. Dissertação de Mestrado no âmbito do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras do Porto. Porto: [s.n.], 2007).

<sup>66</sup> NAVARRO ESPINACH, Germán – *ob. cit.*, p. 199.

<sup>67</sup> Sobre o peso do vinho na dieta alimentar, veja-se, entre os muitos trabalhos que têm sido dedicados à alimentação das gentes medievais: MARQUES, A. H. de Oliveira – *ob. cit.*, pp. 15-17; GONÇALVES, Iria – “Acerca da alimentação medieval”. in *Imagens do mundo medieval*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, p. 210; idem – *O património do mosteiro de Alcobaça*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1989, pp. 81-82; idem – “A alimentação”. in MATTOSO, José (dir.) – *História da vida privada em Portugal*. Vol. I – *A Idade Média*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2010, p. 251, 255-256; COELHO, Maria Helena da Cruz – “Apontamentos sobre a comida e a bebida do campesinato coimbrão em tempos medievos”, *cit.*, pp. 10-12; VIANA, Mário – *Os vinhedos medievais de Santarém*.



diário a alguns dos trabalhadores, exclusivamente para vinho (2)<sup>68</sup>. Menos que isso recebiam as moças por cada jorna. Mas, em tarefas duras e de grande exigência física, particularmente nos dias mais quentes, a bebida era imprescindível<sup>69</sup> e o vinho era uma bebida preciosa ao estímulo e bom desempenho dos trabalhadores<sup>70</sup>.

Já para comer, o mestre das obras do claustro auferia 2,5 soldos por dia, uma quantia relativamente elevada, uma vez que equivalia ao ordenado de um obreiro. Semelhante era o valor pago ao ferreiro, também para comer, pois uma semana valeu-lhe 11 soldos e 8 dinheiros. Já o mestre e os pedreiros de Alcântara chegaram a usufruir, no seu conjunto, de 12 soldos diários para o vinho e para o “almorço” (2). Dois soldos caberiam ao mestre, conforme se discrimina noutros pagamentos, estes de 10 soldos, também para alimentação, pelo que deduzimos que aos pedreiros cabia um soldo. Curioso é que a refeição seja, por vezes, designada de “almorço”. O dado, sendo avulso, não deixa de levantar algumas interrogações sobre o regime alimentar. O jantar, que se realizava entre as 11h e o meio-dia, e a ceia têm sido considerados as refeições mais importantes, senão as únicas, do dia. E só o progressivo retardamento da hora do jantar terá introduzido o hábito de ingerir uma pequena quantidade de comida logo de manhã, ao almoço. Conforme já notou Iria Gonçalves, estes horários não seriam totalmente adequados para quem trabalhava arduamente de sol a sol, e o dia começava muito cedo, pelo que, por isso, precisava mais cedo de uma refeição<sup>71</sup>, como parece ser o caso presente.

### *Outras despesas*

Para além dos salários e dos pagamentos da pedra obtida por empreitada (cf. acima “A organização do trabalho”), outras despesas foram anotadas. A mais volumosa

---

Cascais: Patrimonia Histórica, 1998, pp. 179-183; RODRIGUES, Carla Devesa – “Do pão e do vinho. Esboço de dois viveres no Portugal da Baixa Idade Média”. in SILVA, Carlos Guardado da (coord.) – *História da alimentação*. Lisboa: Edições Colibri-Câmara Municipal de Torres Vedras-Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo Alexandre Herculano, 2007, pp. 80-84.

<sup>68</sup> Em 1311, um almude de vinho custou 1 soldo e 8 dinheiros (MARQUES, A. H. de Oliveira – *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, vol. IV da *Nova História de Portugal*, dir. de Joel SERRÃO e A. H. de Oliveira MARQUES. Lisboa: Editorial Presença, 1987, p. 218).

<sup>69</sup> “A l’époque de cette ouvrage, en été, alors que les jours étaient longues, qu’il faisait chaud, et qu’on apportait des pierres, de la chaux, du sable et d’autres matériaux, il convenait, pour éviter des récriminations, de donner plusieurs fois à boire à ceux qui travaillaient” (Comptes des travaux faites au collège de Beauvais [...] (adaptado), citado por FAGNIER, G. – *Études sur l’industrie et la classe industrielle à Paris au XIII<sup>e</sup> e au XIV<sup>e</sup> siècles*. Paris, 1987, apud ERLANDE-BRANDEBURG, Alain – *Quand les chthédras étaient peintes*. Paris: Gallimard, 1993, p. 140).

<sup>70</sup> Além de contribuir para criar um bom ambiente de trabalho, estimulava as hostes e mostrava a boa vontade do empregador (SANDRINE, Victor – “Les formes de salaires sur les chantiers de construction: l’exemple de Géronne au bas Moyen Âge”. in *Rémunérer le travail au Moyen Âge. Pour une histoire sociale du salariat*, cit., p. 261).

<sup>71</sup> GONÇALVES, Iria – *ob. cit.*, p. 251.

respeitava ao fornecimento de água e areia. Desta, distinguem-se as carregas, que chegaram a 287 num único dia. Já o preço da cal que vinha de Alverca não foi registado. Depois, vinham os encargos com a pregadura, para o carro e para as escadas que se utilizavam no muro, mas decerto também para outras madeiras, dado o número avultado de pregos adquiridos, na ordem dos 1400. O funcionamento dos engenhos requeria, já o vimos, sabão, como lubrificador, e cordas – barações para o guindaste, adivães para o carro. Ao ofício do ferreiro era necessário carvão.

Foi este o conjunto de actividades e materiais, cujos pagamentos foram meticulosamente registados pelo escrivão, embora por vezes com alguns lapsos, em particular nas somas finais de cada dia, que, aproveito para o referir, oscilaram entre as 8 e as 24 libras, em números redondos.

Segundo Paulo Almeida Fernandes, o claustro, na impossibilidade da sua construção a norte ou a sul da igreja, dadas as dificuldades impostas pelo desnível do terreno, estendeu-se em forma trapezoidal a nascente da cabeceira. Ainda assim, o desnivelamento exigiu a construção de verdadeiras muralhas de contenção em paralelo com os trabalhos de desobstrução e de aterro, que terão estado a cargo de um Miguel Martins, dado como responsável pelas obras na catedral, em 1281<sup>72</sup>. Não obstante, como verificámos pelos parcos dados que o documento expõe sobre as tarefas dos trabalhadores do estaleiro, nada evidencia que as obras em causa respeitassem à consolidação dos terrenos e levantamento dos muros ou à empreitada da quadra e do claustro propriamente dito. De arcos, colunas e elementos ornamentais não consta nenhuma referência.

Ainda assim, a fragmentária informação fixada nestes fólios soltos e descontínuos é notável e constitui um testemunho raro. Nestes complexos processos que determinam a sobrevivência e a conservação documental, não deixa de ser irónico que um conjunto de pergaminhos com informação tão preciosa sobre preços, salários, transportes e carretos, por mar e por terra, materiais construtivos, homens comuns e jovens mulheres que labutam na árdua tarefa da edificação de um claustro, acabe catalogado numa *Gaveta*, dita das *Matéria Inúteis*. Inúteis, mas preservadas. Felizmente.

<sup>72</sup> Cf. FERNANDES, Paulo Almeida – *ob. cit.*, pp. 23-25, 37. Paulo PEREIRA (*ob. cit.*, p. 397), tem como provável que um mestre Miguel Martins fosse o primeiro responsável pelas obras no claustro entre 1281 e 1319, baseando-se em Sousa Viterbo. Porém, este último autor elenca um Miguel Martins, arquitecto e mestre-de-obras da Sé de Lisboa “pelos annos de 1281” e acrescenta a transcrição de um documento assinado por “Migael Martins que tem a obra da Séé”, datado de “xxij dias de Março. Era mil cccª xixª” (VITERBO, F. M. de Sousa – *Diccionario histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994, pp. 150-151), o que corresponde ao ano de 1281 e não de 1319, erro em que incorreu igualmente Pedro DIAS (*ob. cit.*, p. 105), como já notou Paulo Almeida FERNANDES (*ob. cit.*, p. 58, nota 21).

## ANEXO I

## Trabalhadores contratados diariamente

	Dia	Pedreiros	Obreiros	Moças
<b>Setembro</b>	9- 4ª F	14	28	34
	10- 5ª F	14	22	52
	11- 6ª F	14	23	65
	12- Sáb	12	26	51
	14- 2ªF	7	4	7
	22- 3ª F	23+1*	18	71
	23- 4ª F	24+1	21	0
	24- 5ª F	24+1	28	80
	25- 6ª F	24+1	28**	78
<b>Outubro</b>				
	1- 5ª F	24+1	6	14
	2- 6ª F	23+1	6	11
	3- Sáb.	23+1	6	12
	5- 2ª F	23+1	6	12
	6- 3ª F	23+3	6	-
<b>Novembro</b>	3- 3ª F	36+6	22	63
	4- 4ª F	36+6	29	70
	5- 5ª F	36+6	34	76
	6- 6ª F	36+6	34	70
	10- 3ª F	31+5	20	61
	12- 5ª F	12+3	32	84
	13- 6ª F	13+3	36	78
	14- Sáb.	14+3	-	-
<b>Totais</b>	22 dias	486+49	435	989

\* Os números adicionados referem-se a pedreiros contratados em parte do dia.

\*\* O número não consta, foi deduzido das somas expressas em dinheiro.

## Apêndice Documental<sup>73</sup>

[s. d.]

Registo das despesas com salários e materiais relativos a umas obras no claustro a Sé de Lisboa. Arquivo Distrital de Braga, *Gavetas do Cabido, Gaveta das Matérias Inúteis*, nº 111

[fl. 1]

¶ fferia. iiij<sup>a</sup>. ix dias do mes andaram na dicta Obra. xiiij. Pedreyros e pagey/  
a cada huu [74]. v. soldos. Soma. iij. libras. e meia./

fforam Obreyros. xxbiiij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. iij. libras e  
meia./

fforam mocas. xxxiiiij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. xxviiij. soldos. iiij  
dinheiros./

¶ Esse dia carretaram agua. e custou. ix. soldos. iiij. dinheiros. Soma. ix. soldos. e  
iiij. dinheiros./

Esse dia carretaram arêa e foram carregas. ij<sup>c</sup>. Lxiiij. en que monta. xLiiij. soldos./  
e x. dinheiros. Soma. xLiiij. soldos./

Jtem dey por pregos ffitelijs e foram. C. viij. soldos. Jtem dey por. ij<sup>c</sup>. pregos cabraes./  
. vj. soldos. Jtem dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Soma. xvj. soldos.  
e meio./

Soma. deste dia. xj. libras. xviiij. soldos. viij. dinheiros/[75]

¶ fferia. v<sup>a</sup>. x dias do mes andaram na dicta Obra. xiiij. Pedreyros./  
e pagey a cada huu. v. soldos. Soma. iij. Libras. e meia./

fforam Obreyros. xxij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. Lij soldos. e  
meio./

fforam Moças. Lij. e pagey a cada hũa. x. dinheiros. Soma. xLiiij. soldos. e iiij  
dinheiros./

¶ Esse dia carretaram agua. e custou. vij. soldos. viij. dinheiros. Soma. vij. soldos.  
e viij. dinheiros./

Esse dia carretaram arrêa e foram carregas. ij<sup>c</sup>. Lxxij. en que monta. xLv. soldos./  
e iiij. dinheiros. Soma. xLv. soldos. e iiij. dinheiros./

<sup>73</sup> As normas de transcrição seguidas são as fixadas nas publicações do projecto “Paisagens rurais e urbanas entre a Idade Média e os Tempos Modernos – Fontes para o seu estudo” (cf., por exemplo, *Tombos da Ordem de Cristo. Comendas a sul do Tejo (1505-1509)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos. Universidade Nova de Lisboa, 2002, pp. XI-XII). Apenas não se transcreveu o documento em linha contínua e não se assinalaram com o itálico as letras omissas no desenvolvimento das abreviaturas.

<sup>74</sup> O escriba escreve sempre “huu” sem sinal de nasalização, ao contrário do que acontece com “hũa”.

<sup>75</sup> As somas finais têm sempre por guarda um traço rectangular.

Item dey por. C. pregos ffetelijs. biiij. soldos. Item dey por. ij<sup>c</sup>. pregos. cabraes./  
 . vj. soldos. Item dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Item dey por ssabom.  
 pera o enieo./

. iiij. dinheiros. Soma. xbj. soldos. e x. dinheiros./

Soma. deste dia. xj. libras. xviiiij. soldos ij dinheiros./

¶ fferia. vj<sup>a</sup>. xj. dias do mes andaram na dicta Obra. xiiiij. Pedreyros. e pagey/  
 a cada huu. v. soldos. Soma. iij. libras. e meia./

fforam Obreyros. xxiiij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. iij libras./

fforam Moças. Lxv. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. Liiij. soldos. ij  
 dinheiros./

¶ Esse dia carretaram agua e custou. vj. soldos. e v. dinheiros. Soma. vj. soldos. e  
 v. dinheiros./

Esse dia carretaram arêa e foram carregas. ij<sup>c</sup>. Lxxvij. en que monta. xLvj. soldos./  
 e ij. dinheiros. Soma. xLvj. soldos. e ij. dinheiros./

[fl. 1v]

Item dey por pregos fitelijs e foram. C. viij. soldos. Item dey por. ij<sup>c</sup>. pregos cabraes./  
 . vj. soldos. Item dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Item dey por ssabom.  
 ij. dinheiros./

Soma. xbj. soldos. e viij. dinheiros./

Soma. deste dia. xij. libras. x. soldos. xv. dinheiros/

¶ Sabado. xij. dias do mes andaram na dicta Obra. xij. Pedreyros. e pagey/  
 a cada huu. v. soldos. Soma. xij. iij. libras./

fforam Obreyros. xxvj. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. iij libras. v. soldos/

fforam Moças. Lj. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. xLij. soldos. e meio./

. Esse dia carretaram agua. e custou. x. soldos. iij. dinheiros. Soma. x. soldos. e iij.  
 dinheiros./

Esse dia carretaram arrêa e foram carregas. ij<sup>c</sup>. Lxxij. en que monta. xLv. soldos./  
 . e iiij. dinheiros. Soma. xLv. soldos. e iiij. dinheiros./

Item dey por. ij<sup>c</sup>. pregos cabraes. vij. Soldos. Item dey por. C. pregos fitelijs/

. viij. soldos. Item dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Item dey ao  
 fferreyro pera/

comer. xj. soldos. viij. dinheiros. Item dey pera caruom. xix. soldos. e ix. dinheyros.

Item dey a quem ca/

rretou. xxxiiij. Barcadas de pedra d almaadaa. da porta do mar aa Crasta. ix./  
 . libras. e xviiij. soldos. a Barcada por. vi. soldos. Jtem dey a. vj. Obreyros que tirauam/  
 a pedra e que a apanhaua. [sic] j. maravidi. Soma. xiiij. libras. e xxiiij. dinheiros./  
 Soma. deste dia. xxiiij. libras. iij. soldos. viij. dinheiros/

¶ fferia. ij<sup>a</sup>. xiiij. dias do mes andaram na dicta. Obra. vij. Pedreyros. e pagey/  
 a cada huu. v. soldos. Soma. xxxv. soldos./  
 fforam obreyros. iij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. x. soldos./  
 fforam Moças. vij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. v. soldos. e x. dinheiros./  
 ¶ Esse dia carretaram agua. e custou. viij. soldos. e ix. dinheiros. Soma. viij. soldos.  
 e ix. dinheiros./  
 Esse dia carretaram arêa e foram carregas. ij<sup>c</sup>. Lxij. en que monta. xLiiij. soldos./  
 e iij. dinheiros. Soma. xLiiij. soldos. e iij. dinheiros./  
 Jtem dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Jtem dey a quem carretou. iij.  
 duzêas de/  
 de [sic] coynhos. iij libras. a duzêa por. xx. soldos. da porta do mar aa Crasta./  
 Jtem dey por ssabom. pera o eniêo. iij. dinheiros. Jtem pagey aos Almoquerues/  
 que carretaram os cantos da porta do mar aa Crasta. e foram. C. Lxxxviiij.//

[fl. 2]

¶ fferia. iij<sup>a</sup>. xxij. dias do mes andaram na dicta Obra. xxiiij./  
 Pedreyros. e pagey a cada huu. v. soldos./  
 ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. v. libras. e xvij. soldos. meio./  
 fforam Obreyros. xbiij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. xLv. soldos./  
 fforam Moças. Lxxj. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. Lix. soldos. ij  
 dinheiros./  
 Esse dia carretaram agua. e custou. xiiij. soldos. e iij. dinheiros. Soma. xiiij. soldos.  
 e iij. dinheiros./  
 Jtem dey ao Meestre e aos pedreyros que estam en alcantara. xij. soldos./  
 pera vinho. e pera almorco. Jtem dey a domingos [sic] rrodriguiz. que asseentaua./  
 . j. soldos. pera vinho. Jtem dey a fferna [sic] Eanes que ffazyza no muro. viij.  
 dinheiros/  
 pera vinho. Jtem dey a quem carretou. v. pinaçadas da porta do mar/  
 aa Crasta. iij. libras. a Barcada por. xvj. soldos. Soma. iij. libras. xiiij. soldos. viij.  
 dinheiros/  
 Soma. deste dia. . xv. libras. E ix. [?] soldos. viij. dinheiros/

¶ fferia. iiij<sup>a</sup>. xxiiij. dias do mes andaram na dicta Obra. xxiiij. Pe/  
 dreyros. e pagey a cada huu. v. soldos./  
 ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. vj. libras. e ij. soldos. meio./  
 fforam Obreyros. xiiij. de. iij. soldos. que andaram en alcatare [sic] ao carro. Soma.  
 xLij. soldos./  
 fforam Obreyros. xxj. na Crasta e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. Lij.  
 soldos. meio./  
 Esse dia carretaram agua e custou. xv. soldos. e v. dinheiros. Soma. xv. soldos. e v.  
 dinheiros./  
 Item dey ao Meestre e aos Pedreyros. pera vinho. e pera almoço. xij. soldos./  
 Item dey xx. dinheiros. Pera adiuas pera o carro. Item dey por pregos de sseeitya  
 pera a/  
 dubar o Carro. ij. soldos. Item dey por ssabom pera o Carro. iiij. dinheiros. Item dey/  
 a domingos rrodriguez. j. soldo. pera vinho. Item deya fferna [sic] eanes pera vinho.  
 viij. dinheiros./  
 Soma. xvij. soldos. e viij. dinheiros.  
 Soma. deste dia. xii. libras. v. soldos. e j dinheiro//

[fl. 2v]

¶ fferia. v<sup>a</sup>. xxiiij. dias do mes andaram na dicta Obra. xxiiij./  
 Pedreyros. e pagey a cada huu. v. soldos./  
 ffouy outro. e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. vj. libras e ij. soldos. meio./  
 fforam Obreyros. xxbiiij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. iij. libras. E meia./  
 fforam Moças. Lxxx. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. iij. libras. e vj.  
 soldos. viij. dinheiros/  
 Esse dia carretaram agua e custou. xiiij <soldos>. e ix. dinheiros. Soma. xiiij. soldos.  
 ix. dinheiros./  
 Item dey ao Meestre e aos Pedreyros que estam en alcantara. xij. soldos./  
 pera vinho. e pera almoço. Item dey a domingos rrodriguez. que asseenta./  
 . j. soldo. pera vinho. Item dey a fferna [sic] eanes. viij. dinheiros. pera vinho. que ffaz no/  
 Moro [sic<sup>76</sup>]. Soma. xiiij. soldos. e viij. dinheiros/  
 Soma. deste dia. xiiij. libras. vj. soldos. vj. dinheiros//

¶ fferia. vj<sup>a</sup>. xxv. dias do mes andaram na dicta Obra. xxiiij./  
 Pedreyros. e pagey a cada huu. v. soldos./  
 ffouy outro. e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. vj. libras e ij. soldos. meio./

<sup>76</sup> Deve estar em vez de «muro» (cf. fólio anterior, linha 9).

fforam Obreyros que andaram en alcantara ao Carro. xij. e pagey/  
 lhy. iij. soldos. a cada huu. Soma. xxxvj. soldos./  
 fforam Obreyros que andaram na Crasta./ e pagey a cada huu. ij sodos. e meio./  
 fforam Moças. Lxxvij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. iij. libras. e quarta./  
 Esse dia carretaram <agua.> e custou. xiiij. soldos. e meio. Soma. xiiij. soldos. e meio./  
 Jtem dey ao Meestre. e aos Pedreyros que estam en alcantara. xij. soldos./  
 Jtem dey a domingos rrodriguiz. que asseenta. j. soldo. pera vinho. Jtem dey a/  
 ffernam eanes. viij. dinheiros. pera vinho. Soma. xij. soldos. e viij. dinheiros/  
 Soma. [de]ste dia. xvj. libras. e xx. dinheiros//

[fl. 3]

¶ fferia. v<sup>a</sup>. Primeyro dia d outubro andaram na dicta Obra./  
 xxiiij. Pedreyros. e pagey a cada huu. v. soldos./  
 ffouy outro. e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. vj. libras. e ij. soldos. meio/  
 fforam Obreyros. vj. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. xv. soldos./  
 fforam Moças. xiiij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. xiiij. soldos. viij  
 dinheiros./  
 Jtem dey aos Pedreyros. que estam en alcantara. viij. soldos. e ao Meestre. ij. soldos./  
 Soma. x. soldos./  
 Soma. deste dia. vj. libras. xix. soldos. ij. dinheiros./

¶ fferia. vj<sup>a</sup>. ij. dias do mes andaram na dicta Obra. xxiiij. Pe/  
 dereyros [sic]. e pagey a cada hũu. v. soldos./  
 ffouy outro. e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. v. libras. e xvij. soldos. e meio./  
 fforam Obreyros. vj. e pagey a cada huu. [ij]. soldos. e meio. Soma. xv. soldos./  
 fforam Moças. xj. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. ix. soldos. e ij. dinheiros/  
 Jtem dey aos Pedreyros que estam en alcantara. viij. soldos. Jtem dey/  
 ao Meestre. ij. soldos. Jtem dey per hũa taua [sic] pera as medidas. iij. soldos. e meio./  
 Soma. xiiij. soldos. e meio./  
 Soma. deste dia. vj. libras. xv. soldos. ij. dinheiros. /

¶ Sabado. iij. dias do mes andaram na dicta Obra. xxiiij. Pedreyros/  
 . e pagey a ca [sic] cada huu. v. soldos./  
 ffouy outro. e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. v. libras e xvij. soldos. e meio/  
 fforam Obreyros. vj. e pagey lhys a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. xv. soldos./  
 fforam Moças. xij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. x. soldos./  
 Jtem dey aos Pedreyros que estam en alCantara. e ao Meestre. xij. soldos.



Soma. xij. soldos./

Soma. vij. libras. e xiiij. soldos. e meio.//

[fl. 3v]

Jtem dey a huu manço bo que esteue que esteue [sic] no talheiro. per/  
 . v. dias. x. soldos. ij. soldos polo dia. Jtem dey por caruom. xvij. soldos/  
 Jtem dey ao fferreyro. pera comer pera toda a domaa. xj. soldos. e viij. dinheiros./  
 Jtem dey aos Pedreyros que Britam a pedra na Crasta. j. soldo. pera/  
 . vinho. Soma. xL. soldos. e viij. dinheiros.

Soma. deste dia. ix. libras. xv. soldos. ij. dinheiros.

¶ fferia. ij<sup>a</sup>. v. dias do mes adaram [sic] na dicta Obra. xxiiij./  
 Pedreyros. e pagey a cada hũu. v. soldos./  
 ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. v. libras e xvij. soldos. e meio./  
 fforam Obreyros. vj. e pagey lhy. a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. xv./  
 fforam Moças. xij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. x. soldos./  
 Jtem dey aos pedreyros e ao Meestre que estam en alcantara. x. soldos./  
 Jtem dey aos pedreyros que estam na pedreyra da Crasta. j. soldo./  
 pera vinho. Jtem dey a Johan eanes mechycham. por. xxiiij./  
 pedras. pera as rrepressas. xiiij. maravidiz. e vj. dinheiros. a rrepressa por/  
 . xvij. soldos. e foram. xj. rrepressas. e meia. Soma. x. libras. e vj. soldos. e meio./  
 Soma. deste dia. xvij. libras. xiiij. soldos. e meio

¶ fferia. iij<sup>a</sup>. vj. dias do mes. andaram na dicta Obra. xxiiij. pedreyros /  
 e pagey a cada huu. v. soldos./  
 ffouy outro. e pagey lhy. ij. soldos. e meio. Soma. vj. libras. iij. soldos. e meio. /  
 ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos/  
 ffouy outro e pagey lhy iij. soldos./  
 fforam Obreyros. vj. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. xv. soldos.//

[fl. 4]

¶ fferia. iij<sup>a</sup>. iij. dias do mes de Nouembro andaram na dicta Obra. xxxvj./  
 Pedreyros e pagey a cada huu. v. soldos./  
 fforam outros tres e pagey a cada huu. iij. soldos. Soma. ix. libras. xix. soldos. meio./  
 fforam [sic] outro e pagey lhy. iij. soldos./  
 ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio./

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos./

fforam Obreyros. xxij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. Lv. soldos./

fforam Moças. Lxij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. Lij. soldos. e meio./

¶Esse dia carretaram agua. e custou. ix. soldos. e ij. dinheiros. Soma. ix. soldos. e ij. dinheiros./

Esse dia carretaram arêa e foram carregas. Lxvj. en que monta. xj. soldos. Soma. xj. soldos./

Jtem dey aos pedreyros d alcantara. iiij. soldos. Jtem dey ao Meestre pera comer./  
. ij. soldos. e meio. Jtem por ssabom pera o enieo. iiij. dinheiros. Soma. vj. soldos. e x. dinheiros./

Soma. deste dia. xvj. libras. e xiiij. soldos/

¶ fferia. iiij<sup>a</sup>. iiij. dias do mes andaram na dicta Obra. xxxvj. Pedreyros./

e pagey a cada huu. v. soldos./

fforam outros tres e pagey a cada huu. iiij. soldos. Soma. ix. Libras e xix. soldos. e meio./

ffouy outro e pagey lhy. iiij. soldos./

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio./

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos./

fforam Obreyros. xxix. e pagey e pagey [sic] a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. iiij. libras e xij soldos meio./

fforam Moças. Lxx. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros./

¶Esse dia carretaram agua e custou. x. soldos. e viij. dinheiros. Soma. Lviiij. soldos. e iiij. dinheiros. /

Esse dia carretaram arêa e foram carregas. Lxiiij. en que monta. x. soldos./

E viij. dinheiros. Soma. x. soldos. e viij. dinheiros./

Jtem dey aos Pedreyros d alcatara. [sic] iiij. soldos. Jtem dey ao Meestre pera comer./  
. ij. soldos. e meio. Soma. vj. soldos. e meio./

Soma. deste dia. xvij. libras. e xviiij. soldos. ij dinheiros.//

[fl. 4v]

¶ fferia. v<sup>a</sup>. v. dias do mes andaram na dicta Obra. xxxvj./

Pedreyros e pagey a cada huu. v. soldos./

fforam outros. iiij. de. iiij. soldos. a cada huu./

ffouy outro. e pagey lhy. iiij. soldos. Soma. ix. libras. e xix. soldos. e meio/

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. meio./

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos./

¶Esse dia carretaram agua. e custo [sic]. xij. soldos. e iiij. dinheiros. Soma. xij. soldos. e iiij. dinheiros./

Esse dia carretaram arêa e fforam carregas. C. Lxxvij en que monta. xxix. soldos. e meio./<sup>[77]</sup>

fforam Obreyros. xxxiiij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio./

fforam Moças. Lxxvj. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros./

Item dey aos pedreyros d alcantara. iiij. soldos. Item dey ao Meestre./

pera comer. ij. soldos. e meio. Item por. C pregos de sseeytya. vj. soldos./

Item dey por. C. pregos. ffitelijs. viij. soldos. Item dey por. ij<sup>c</sup>. cabraes/

. viij. soldos. Item dey a Pero gago quando fouy a aluerca procurar a cal. iiij. soldos./ pera despessa. Soma. xxxj. soldos. e meio./

Soma. deste dia. xxj. libras. xiiij dinheiros./

¶fferia. vj<sup>a</sup>. vj. dias do mes andaram na dicta Obra. xxxvj. Pe/

dreyros. e pagey a cada huu. v. soldos./

fforam. iij. e pagey a cada huu. iiij. soldos. Soma. ix. libras. e xix. soldos. e meio/

ffouy outro e pagey lhy. iij. soldos./

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. meio./

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos./

fforam. ij. carpenteyros. e [pagey a] cada huu. vj. soldos. e meio. Soma. xiiij. soldos./<sup>[78]</sup>

fforam Obreyros. xxxiiij[j. e] pagey a cada huu. ij. soldos. e meio./

fforam Moças. Lxx. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. Lviiij. soldos. e iiij. dinheiros.//

[fl. 5]

¶fferia. iij<sup>a</sup>. x. dias do mes andaram na dicta Obra. xxxj./

Pedreyro [sic]. e pagey a cada huu. v. soldos./

fforam. iij. e pagey a cada huu. iiij. soldos. Soma. viij. libras e ij. soldos. e meio. /

ffouy outro. e pagey lhy. iij. soldos./

ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio./

fforam. ij. carpenteyros e pagey lhys a cada huu. vj. soldos. e meio. Soma. xiiij. soldos./

fforam Obreyros. xx. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. L. soldos./

fforam Moças. Lxj. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. L. soldos. e x. dinheiros./

<sup>77</sup> À margem esquerda: Soma. xxix. soldos. meio. Soma iiij. libras e quarta. Soma. iiij. libras. iij. soldos. e iiij. dinheiros./

<sup>78</sup> À margem esquerda: Soma iiij. libras e quarta.

¶ Esse dia carretaram agua. e custou. xj. soldos. viij. dinheiros. Soma. xj. soldos. e viij. dinheiros./

Esse dia carretaram arêa. e foram carregas. CLxvij. en que monta./  
. xxvij. soldos. e x. dinheiros Soma. xxvij. soldos. e x. dinheiros./

Item dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Item dey por pregos/  
cabraes iij. soldos. e meio. e fforam C. Item dey por. C pregos de sseytya./  
. vj. soldos. Soma. xij. soldos./

Soma. deste dia. xvij. libras vj. soldos. ij. dinheiros/

¶ fferia. v<sup>a</sup>. xij. dias do mes andaram na dicta Obra. xij. Pedreyros./

e pagey a cada huu. v. soldos./

fforam outros. ij. e pagey a cada huu. iiiij. soldos. Soma. iij. libras e xiiij. soldos. e meio./  
ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio/

fforam Obreyros. xxxij. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. iiiij. libras./

fforam Moças. Lxxxiiiij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. iij. libras. e meia./

Soma. xj. libras. e iiiij. soldos. e meio.//

[fl. 5v]

¶ Esse dia carretaram agua e custou. xij. soldos. iij. dinheiros. Soma. xij. soldos. e iij. dinheiros./

Esse dia carretaram arêa e foram carregas. CLxxxiiij. en que monta./  
xxx. soldos. e meo. Soma. xxx. soldos. e meio./

Item dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Item dey aos que asseentam./  
. j. soldos. pera vinho. Item dey por. ij. duzeas de Baraços. pera gyndar/  
os cantos e pera tirar as rrepressas. vj. soldos. Soma. x. soldos. e meio. /

Soma. deste dia. xiiij. libras. xiiij. soldos. ix. dinheiros/

¶ fferia. vj<sup>a</sup>. xiiij. dias do mes andaram na dicta Obra. xiiij. Pedreyros./

e pagey a cada huu. v. soldos./

fforam outros. dous. e pagey a cada huu. iiiij. soldos. Soma. iij. libras e xv. soldos. meio./  
ffouy outro e pagey lhy. ij. soldos. e meio/

fforam Obreyros. xxxvj. e pagey a cada huu. ij. soldos. e meio. Soma. iiiij. libras e meia./

fforam Moças. Lxxviiij. e pagey a cada hũa. dez. dinheiros. Soma. iij. libras e v. soldos./

¶ Esse dia carretaram agua e custou. xiiij. soldos. ix. dinheiros. Soma. xiiij. soldos.  
ix dinheiros./

Esse dia carretaram arêa e fforam carregas.<sup>[79]</sup>

<sup>79</sup> O escriba deixou um espaço em branco, possivelmente para acrescentar os dados em falta, que aliás, não constam da soma total.

Jtem dey ao Meestre pera comer. ij. soldos. e meio. Jtem dey aos Pedreyros que/ asseentam. j. soldo. pera vinho. Jtem dey por sabo [sic] pera o gyndas. iiij. dinheiros. Jtem/ dey por. C. pregos. de sseeitya pera as escaadas pera seruir no muro./ . vj. soldos. Jtem por. C. pregos. cabraes. iij. soldos. e meio. Soma. xij. soldos. iiij. dinheiros./  
Soma. deste dia. xij. libras. xvij. soldos. vij. dinheiros/

¶ Sabado. Xv [80]. dias do mes andaram na dicta Obra. xiiij. Pedreyros./ . e pagey a cada huu. v. soldos./ fforam outros dous e pagey a cada huu. iiij. soldos. Soma. iiij. libras e vj. dinheiros./ ffouy outro. e pagey lhy. ij. soldos. e meio.//

[fl. 6]

¶ Pagou Steuam dominguiz a Mateus Migeez e a affonso/ meendiz. pedreyros por. Mil. Cantos. E coynhos. ij<sup>c</sup>. e xxx. libras./  
¶ Jtem pagey a Johan d alcoychête e a pero periz pedreiros. d uu Myleyro./ de cantos e de coynhos. do monte que veerom aa obra. ij<sup>c</sup>. xxx. libras./  
¶ Jtem pagey a garcia periz e a domingos d alcobaca. pedreyros./ por. huu Myleiro de cantos e de coyhos [sic] que derom aa Obra./ . ij<sup>c</sup>. xxx. libras./  
¶ Jtem pagey a pero galego e a domingos periz ssintraao./ por. iiij<sup>c</sup>. cantos. Lxxxij. libras. Soma. desta pedra de ssusso dicta./ . vij<sup>c</sup>. Lxxxij. libras./  
¶ Jtem pagey a Johan eanes o Meestre. C. x. Libras. de sseu/ ssolayro. do tempo que sseruyo na Crasta dante que fezessemos aveeça com el./ e destas. C. x. libras. tem Martim martynz. per partes. no sseu Ljuro. xLij. libras./ e en outra parte tem en. Soma. Lxxvij. libras./  
¶ Soma. do que pagey a Jhan [sic] eanes O Meestre de sseu ssolayro./ . C. x. libras.//

[fl. 6v]

¶ este Domyngo xix. dias de dezembro pagey a Pero periz./ pedreyro. por. xij. eyxylhares que talharon a enpreytada./ . xxxvj. soldos./  
¶ Jtem esse dia pagey a Joham Garcia castelaa pedreyro por/

<sup>80</sup> Sábado, 14 e não 15.

- . xxv. catos [sic] que talharom. iiij. libras./
- ¶ Jtem pagey a ffernam paayz e a vicente payz. e a Martim cavaleyro/  
por. ij<sup>c</sup>. cantos que talharom. xxxij. libras./
- ¶ Jtem pagey aos de ssusso dictos por huu. C. de cantos. que talharom./  
. xiiij. libras./
- ¶ Jtem pagey a estes por. iiij. cantos que talharom. x. soldos. e iiij. dinheiros./
- ¶ Jtem pagey ao Mouro de Johan eanes. e a sseu Manço. por. huu.  
. C. de cantos que talharom. xvj. libras./
- ¶ Jtem pagey a Johan payz pedreyro de val uerde. por. ij<sup>c</sup>. cantos que talhou./  
. xxxij. libras./
- ¶ Jtem pagey a Johan d alcoychête por. ij<sup>c</sup>. cantos que talhou./  
. xxxij. libras./
- ¶ Jtem pagey a Lourenço esteuãez passarinho. por. huu. C. de cantos./  
que talhou. xvj. libras./
- ¶ Jtem pagey a pero cota. por. iiij<sup>c</sup>. cantos que talhou. xlvij. libras./
- ¶ Jtem pagey a esse. iij. libras. de melhoria. porque as filhou primeyro.//



Mesmo se dispersos e lacunares, os textos reunidos neste livro cobrem uma grande diversidade de temas e até de cronologias, desde os séculos tardo-romanos aos finais da Idade Média. De perdidos e enigmáticos enterramentos infantis aos hospitais tardo-medievais, dos testemunhos dos geógrafos islâmicos aos relatos da conquista cristã da cidade, dos vestígios materiais aos estaleiros de obras reconstituídos através dos livros de contas, dos espaços do poder aos bairros das minorias, da liturgia vicentina aos capítulos de cortes, do termo que alimenta a cidade aos longínquos portos onde chegam os seus produtos e as suas gentes, é todo um mosaico que, mesmo incompleto, vai ajudando a compor uma história da Lisboa Medieval.

*João Luís Inglês Fontes, Luís Filipe Oliveira, Apresentação*

Apoio:

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

